

## DANÇA DA OXUM E POSSÍVEIS REFLEXÕES À LUZ DA LEI 10.639/2003

CAROLINE RIBEIRO PAZ<sup>1</sup>; VIVIANE SABALLA<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de PelotasUFPEl – pazcaroline@outlook.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de PelotasUFPEl – vivianesaballa@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este resumo expõe uma breve visão sobre o desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso/ TCC (Curso Dança-Licenciatura), a ser defendido ao final do semestre 2017/II. A principal motivação reside no desejo de investigar sobre a Dança da orixá Oxum e a corporeidade desta divindade africana. O marco geográfico da pesquisa compreende a cidade de Bagé/RS e é justificado pela forte presença das religiões afro-brasileiras nesta localidade, bem como pela facilidade no acesso aos terreiros desta cidade. O marco temporal da pesquisa abarca de 1980, a partir da abertura do terreiro *Ilê de Axé Palácio de Oxum e Xangô*, do babalorixá Mauro Braga, até a atualidade, precisamente o ano de 2017. A proposta deste estudo pretende através da questão de pesquisa pensar: como a Dança da orixá Oxum e sua corporeidade, podem servir de instrumento à aplicabilidade da lei 10.639/2003 no que tange ao resgate da contribuição do povo negro e minimização do preconceito religioso? A partir do referido, busca-se como objetivo geral desenvolver reflexões à luz da lei 10.639/2003, acerca das possibilidades de ensino, no espaço formal, da Dança de Oxum. Os objetivos específicos são: acessar, observar e descrever sua dança nos terreiros, registrar características presentes na dança desta orixá e compreender as possíveis contribuições da dança de Oxum para aplicabilidade desta lei no ambiente escolar.

Cabe ressaltar que investimos na busca da valorização das danças de matriz negra - especialmente a Dança dos orixás e, em específico, a de Oxum, devido às características atribuídas à ela, como mãe, protetora, alegre e confiante. Além de buscar minimizar o preconceito sobre essas danças dentro das escolas, almejamos dirimir a falta de informações em relação à temática, por parte dos professores e alunos. A problematização e discussão a respeito das danças afro-brasileiras pode contribuir para o reconhecimento e entendimento dos indivíduos negros sobre suas origens africanas, além de colaborar para auto-aceitação da sua identidade corporal e genética inscritas em seus corpos. Os não-negros também podem aprender outras maneiras de compreender seus corpos e o meio que vivem, a partir das danças afro-brasileiras. Amorim e Aquino (2014, p.4) afirmam sobre o tema e sua inserção no espaço escolar que:

Neste sentido, partindo da cultura Afro-Brasileira é imprescindível estimular a sua valorização, identidade e reconhecimento, enxergando-a como estrutura teórica a ser ensinada e vivenciada no espaço escolar. Pensar as manifestações da cultura popular significa considerar elementos representativos que identificam as particularidades de cada comunidade (AMORIM; AQUINO, 2014, p.4).

Assim, utilizar da lei 10.639/2003 como suporte para o ensino da História e cultura afro-brasileira e africana no espaço formal de ensino, torna-se uma alternativa válida para a discussão de inserção de práticas pedagógicas de Dança, que abordem a Dança como parte da nossa cultura.

A pesquisa possui como referencial teórico, as seguintes bases: a) abordagem sobre as relações entre a corporeidade e o sagrado, discorrendo também, sobre corporeidade negra, através de autores como Barcellos (2012), Souza (2009), Silva (2014), Lima (2005) e Passos (2016); b) no que refere-se sobre transe e possessão, partiremos das discussões de autores como Zemp (2013), Gomes (2003), Corrêa (1992), Rabelo (2005), Motta (1982), Rouget (2013), Souza (1998) e c) sobre o negro/negritude/africanidades Alves (2003), Ferraz (2012) e Gomes (2011).

## 2. METODOLOGIA

A metodologia abordada tem como caracterização ser qualitativa e bibliográfica, compreendendo um estudo de caso. Os sujeitos pensados para a pesquisa foram os babalorixás e yalorixás de Batuque da cidade de Bagé. Os locais para a ocorrência das observações e entrevistas foram os terreiros a partir de inventariamento, contato, autorização e participação dos pais e mães de santo. Os critérios de seleção desses espaços envolveram a busca de dados sobre os mais antigos em atividade da cidade e a ocorrência de toques<sup>1</sup> previstas para até o mês de outubro. Em relação à coleta de dados foi efetuado um roteiro semi-estruturado de entrevista. Para podermos chegar na etapa de aplicação dos instrumentos de pesquisa (entrevista e observação), o primeiro passo foi identificar a presença de instituição ou federação de Batuque em Bagé que tivesse o registro desses espaços, porém, não encontramos um órgão com este tipo de representação específica.

Partindo dessa situação, para descobrir e entrar em contato com os babalorixás e ialorixás, alicerçamo-nos na experiência, dentro da religião, do pai de santo Mauro Braga e na sua relação com a comunidade dos batuqueiros e os seus respectivos terreiros. Isso foi possível devido ao vasto conhecimento/vivências do mesmo dentro da religião, há mais de trinta anos e proximidade com ele. Posteriormente será realizada uma observação sistemática, a respeito da dança de Oxum durante o batuque. Sobre as entrevistas, a primeira etapa ocorreu no início do mês de julho do ano corrente, com a finalidade de coletar dados anteriores à observação, para um contato prévio tanto com o lugar, quanto com o sujeito de pesquisa (babalorixá). O roteiro de entrevista contém vinte e uma perguntas. Após sua aplicação, foi realizada a transcrição e tabulação da mesma. Em relação à observação, acontecerá no mês de outubro, alguns dias após o toque, com o intuito de analisar a Dança de Oxum, nos corpos dos sujeitos que a receberem. Já a segunda etapa das entrevistas, será utilizada para sanar possíveis dúvidas que possam porventura surgir.

Foram identificados seis terreiros mais antigos da cidade. A seguir, em ordem do mais antigo ao mais novo, a informação com os respectivos nomes dos babalorixás e yalorixás serão apresentados: Clotilde de Oxum (Clotilde Silveira); Mauro de Oxum (Mauro Braga); Leiva de Iemanjá (Leiva Moura); Ica de Ogum (Fagundes); Maria de Oxalá (Maria Edi Araújo); e Nei de Xangô Agodô Rodrigues Moreira (Neimar Rodrigues Moreira).

Um dos critérios considerados por nós foi averiguar os dados relativos ao tempo de existência de cada espaço. Assim, por ordem de antiguidade, temos: o terreiro de Clotilde de Oxum, com quarenta e oito anos; o terreiro de Mauro de

---

<sup>1</sup> É uma nomenclatura utilizada no Batuque para referir-se às celebrações e comemorações destinadas aos orixás. Durante o texto será mantido o uso deste termo.

Oxum, com trinta e oito anos; o terreiro de Leiva de Iemanjá, entre trinta e seis trinta e sete anos; o terreiro de Ica de Ogum, com vinte e sete anos; o terreiro de Maria de Oxalá, com vinte anos e por último o terreiro, de Nei de Xangô Agodô, com doze anos.

Outro ponto relevante para nosso estudo foi descobrirmos a previsão do próximo *toque*, visto que, era indispensável termos uma data limite para ocorrência da observação e aplicação da segunda etapa da entrevista. Com isso, através do contato com os terreiros, os mesmos prevêm suas atividades para os meses de outubro, dezembro e janeiro. A partir disso, para a continuidade e conclusão da pesquisa, os meses de dezembro de 2017 e janeiro de 2018 ultrapassam o tempo determinado. Devido à contemplação dos preceitos determinados: primeiramente, atender o critério de antiguidade; segundo, a ocorrência do *toque* ainda no mês de outubro e para conseguir manter o desenvolvimento do trabalho, definimos como *locus* de pesquisa o segundo terreiro mais antigo da cidade: *Ilê de Axé Palácio de Oxum e Xangô*, com seus trinta e oito anos de atividades, tornou-se nosso objeto de estudo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Trazendo como alguns dos resultados preliminares da primeira etapa da pesquisa como um todo, constatamos que: não há um ensinamento prévio, aos praticantes, a respeito da Dança dos orixás e especificamente, mãe Oxum; nos movimentos dos orixás existem duas questões principais: os orixás ligados à água (como a orixá Oxum) possuem movimentos suaves, fluídos e mais contidos, já os relacionados com ar, fogo e terra, apresentam movimentos fortes e rápidos; a gestualidade de Oxum, no Batuque, envolve magia, delicadeza e tudo relacionado à feminilidade; as características dos movimentos da Dança de Oxum, no Batuque, representam momentos de vaidade feminina; são manifestados no batuque, três fases de Oxum que variam da infância, adultez e maturidade, em cada uma dessas Oxuns com suas características próprias ao dançar; para identificação da presença do Orixá, conforme depoente, o corpo do praticante precisa estar extremamente quente ou frio. Outra questão importante identificada é de que cada manifestação de Oxum no corpo do praticante é única, devendo apresentar suas próprias particularidades, porém, sem deixar de corresponder às suas características e elementos básicos. Com isso, essa identificação não é notada muitas vezes pelos frequentadores dos terreiros, mas perceptível ao olhar dos babalorixás e yalorixás.

### 4. CONCLUSÕES

É possível considerar, até esta etapa e a partir de todo material encontrado e pesquisado sobre a Dança da Orixá Oxum no Batuque, que preserva-se, em seu dançar, gesticulações fundamentadas nas características de sua personalidade, arquétipos esses usados nas representações através de seus movimentos, havendo conexão entre as referências simbólicas sobre ela e a sua movimentação. Como considerações finais, até então, percebemos que, a Dança de Oxum pode construir diferentes significados através do movimento, os quais permeiam o imaginário feminino e que estas representações do seu dançar trazem elementos tanto figurativos quanto subjetivos no momento do batuque, que se distingue de praticante para praticante “ocupado” por esta orixá.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Teodora Araújo. ALVES, Teodora Araújo. **Herdanças de corpos brincantes: os saberes da corporeidade/africanidade em danças afro-brasileiras**. 2003. 179 f. Dissertação ( Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2003.
- ANAIS DO III CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISADORES EM DANÇA, 3., 2014, Natal. Anais... Natal: UFRN, 2014. 13 p.
- BARCELLOS, Janete Terezinha da Silva. **Danças circulares sagradas: pedagogias da presença, do ritmo, da escuta e olhar sensível**. 2012. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- CORRÊA, Norton F. **O batuque no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1992.
- FERRAZ, Fernando Marques Camargo. **O fazer saber das danças afro: investigando matrizes negras em movimento**. 2012. 291 f. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2012.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOMES, Joelma Cristina. **O corpo como expressão simbólica nos rituais do candomblé: iniciação, transe e dança dos orixás**. 2003. 183 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2003.
- GOMES, Nilma Lino. Movimento negro, saberes e a tensão regulação- emancipação do corpo e da corporeidade negra. **Revista Contemporânea [da] Universidade Federal de São Carlos**, v. 1, n. 2, p. 37-60, Jul/dez. 2011.
- LIMA, Nelson. **Dando conta do recado a dança afro no Rio de Janeiro e as suas influências**. Rio de Janeiro, 2005. 82 p.
- MOTTA, Roberto, M. C. Comida, família, Dança e Transe (sugestões para o estudo do Xangô). **Competência: Revista de Antropologia da FFLCH/USP – SP**, São Paulo, v.25, p. 147-157, 1982.
- PASSOS, Evandro. Corporeidade negra na dança afro. **Revista de Estudos de Gestão, Informática e Tecnologia [da] Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba**, v.6, n.2, p.121-135, Jul/Dez. 2016.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Revista Civitas [da] Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, v. 3, nº 1, p. 15-19, jun. 2003.
- RABELO, Miriam C. M. Rodando com o Santo e queimando no espírito: Possessão e a dinâmica de lugar no Candomblé e Pentecostalismo. **Ciencia Sociales y religión/ Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, n. 7, p. 11-37, 2005.
- ROUGET, G. La musique et la transe. In: \_\_\_\_\_. **Antropologia da Dança**. 1.ed. Florianópolis: Insular, 2013, p. 31-56.
- ZEMP, Hugo. **Les danses du monde**. In: \_\_\_\_\_. **Antropologia da Dança**. 1.ed. Florianópolis: Insular, 2013, p.31-56